



Anselmo Braamcamp Freire, presidente da Assembléa Nacional — (Cliché Vasques)

N.º 284 Lisboa, 31 de Julho de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑIA:

Anno, 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43



Para todos aquellos a quem o trabalho intellectual exagerado ou outras quaesquer causas, tenham envelhecido e cansado prematuramente, e para os quaes, portanto, não existe a alegria de viver, ha apenas um remedio

A somatose liquida

pois que em pouco tempo lhes faz recuperar o que tinham perdido, quer dizer, a FELICIDADE.

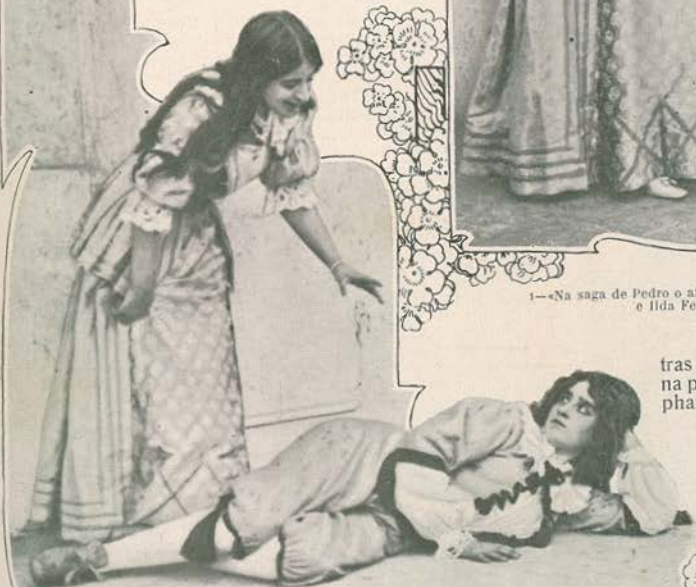
A INTERPRETAÇÃO DO THEATRO MODERNO PELOS ALUMNOS DO CONSERVATORIO

Julio Dantas, cheio de talento e de mocidade, veio comprovar com a sua fecundissima acção no Conservatorio quanto os homens novos são precisos para os diversos ramos das artes, das letras, das finanças, das sciencias em Portugal. O espirito de rotina eivou tudo; as cousas fazem-se por fazer, n'um vago somnambulismo pelas mãos vagarosas de velhos funcionarios e d'ahi o atrazo, d'ahi a eterna corrente igual das banalidades. Sempre se careceu de homens novos e intelligentes, mas agora mais do que nunca. Não são os logares que se fazem para os homens; não se trata de agarrar no primeiro que se diz bibliophilo e faz-o bibliothecario, no que se intitula professor nomeal-o director do ensino, do que nunca fez idéa das cousas geraes e dar-lhe uma especialidade a dirigir. Também não é assim. A capacidade é necessaria; absolutamente precisa, aliada ao bom senso, á vontade e á intelligencia. Tudo isto reúne o actual director do curso dramatico da Escola da Arte de Representar e manifestamente o tem comprovado sem esse alardear de qualidades, sem essa pompa de adjectivações de uso para todos os que entre nós escrevem um vago trecho litterario ou inauguram uma cantina.

O distincto homem de let-



1—«Na saga de Pedro o afortunado» Sarah Lima e Ilda Ferreira



2—«Saga de Pedro o afortunado» Sarah Lima e Ilda Ferreira

tras cuja obra foi recebida na ponta das lanças, triumpante emfim, em plena mocidade, mostra dia a dia mais intensamente as faculdades de que dispõe e faz isso n'uma resposta activa ás

accusações do passado. Caminha e pela sua mão os outros vão caminhando também, vão sendo levados para excelentes exemplos os alumnos que lograram estudar sob a sua direcção e a dos illustres professores que tão animadamente o coadjuvavam.

Ha tempo o Theatro Nacional viu os estudantes do antigo Conservatorio representarem as peças de Gil Vicente, de Francisco Manuel de Mello, de Antonio José da Silva e de Camões, *O Monologo do Vaqueiro*, *Fidalgo Aprendiz*, *D. Quixote*, *Auto d'El-rei Seleuco* que a *Illustração Portuguesa* registou nas suas paginas como uma grande affirmação de pura arte classica e como expressão d'uma vontade firme de progressos no ensino da arte dramatica.

Passou-se tempo, um limitado tempo todavia e do classicismo passa-se para as mais modernas formulas d'arte. E' um arrojado pensamento e é um magnifico serviço não só á litteratura dramatica nacional mas aos alumnos de hoje, actores de amanhã, postos assim ao facto das grandes figuras das peças modernas.

O theatro portuguez, afóra duas ou tres tentativas e ainda assim quasi fracassadas, tem vindo muito do passado; torna-se urgente collocalo a par dos outros theatros

tanto pela intensidade da effublação que é muito do nosso temperamento, como pelas idéas a diffundir, a espalhar. Um novo regimen de liberdades, decerto vae consentir que se debatam idéas modernas. Carece-se para isso estímulos, mas são precisos

actores e são estes que Julio Dantas está educando dentro dos modernos processos de theatro.

As difficuldades um dia hão de desaparecer se todos mostrarem a boa vontade, o desinteresse e o cuidado que o illustre dramaturgo patenteou com a sua iniciativa de ha dias. Ao clacissismo fez seguir trechos de peças modernissimas, do theatro tragico, violento, pode dizer-se revolucionario.

O que se balbuçava no *Monologo do Vaqueiro* e no *Seleuco*, o que mal se via ser um leve sar-



1—Na Cavallada de Bodes, Beatriz e Henriques
2—Outra scena da mesma peça



Os alumnos da escola de arte de representar
Honriques, Ilda, Azevedo
e Almada

pouco teremos actores adextrados para as grandes scenas do theatro moderno que carecemos implantar em Portugal com gente do nosso meio, scenas do nosso tempo, com a caracteristica da nossa terra.

A par d'esse trabalho do illustre escriptor, um outro surge com um alto fundo de conscienciosos resultados; trata-se de fazer com que o actor não

casmo no *Fidalgo Aprendiz* e no *Quixote*, é agora n'este seculo de liberdades uma critica severa no *Saga de Pedro*, o *Afortunado*, d'esse exquisito Strindberg que vendo Ibsen triumphar o seguiu, uma violencia na *Intrusa*, de Maeterlink, um grito revoltado na *Escoria*, d'esse rebelde Gorki, e assim surgem n'aquelle palco conservador do antigo Normal com pedacos intensos d'arte verdadeira, trechos intensos de bons ensinamentos.

Ha annos quando ali se quiz representar o *Pae*, d'esse mesmo ousado dramaturgo sueco, houve um clamor qual de reprovação; quando se pensou em escrever peças modernas sobre o meio nacional, as dôres, as amarguras, as miserias, houve preconceitos inexoraveis que antolharam o caminho. Agora abre-se o theatro para provas dos alumnos d'arte dramatica e sem temer essas grandes peças que só dão ensinamentos, Julio Dantas apresenta n'ellas os seus alumnos e deve dizer-se que com verdadeiro exito.

E' um exemplo a seguir; é da sua parte um caminho a continuar e d'esse modo dentro em

seja apenas o recitador dos papeis mais ou menos intuitivamente mas de o tornar senhor das cousas que vae interpretar Assim todos esses novos alumnos da Escola da Arte de Representar explicaram antes da representação o que significavam as peças em que iam entrar, a acção do seu papel, habituando-se d'este modo a medital-o.

Até aqui só alguns dos nossos artistas pela sua educação geral estavam aptos para esses trabalhos; a maioria, mesmo dos mais illustres,



A irmã de caridade (Beatriz) na peça
de Maeterlück «A Intrusa»



A criada (Justina de Magalhães)
na peça de Maeterlück
«A Intrusa»



Na peça de Gorki: «A Escorta»
 tradução de Julio Dantas
 Otello, Ansrari, Marina Rodríguez,
 Almada, Henriques e Azevedo

dos verdadeiramente célebres, eram mais maravilhas de intuição do que actores conscientes do procurando os efeitos d'uma maneira logica, ao cabo d'um aturado estudo.

E' o que Julio Dantas vae sem duvida conseguir com o seu aturado e porficio trabalho na ancia que mostra em contribuir para a verdadeira regeneração do theatro portuguez, até agora um sonho que fez correr rios de tinta, e que parece, emfim, se realisará lentamente, mercê de esforços como os do illustre escritor.



Na peça de Maeterlinck: «A Intrusa», Sarah Lima,
 Almada e Ilda
 (Clichés de Benoliel)

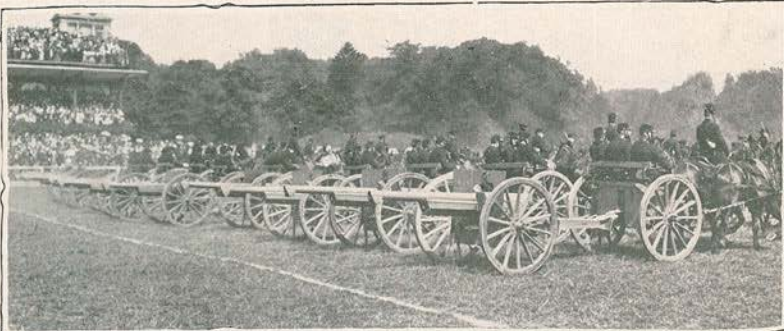
O 14 DE JULHO EM PARIS



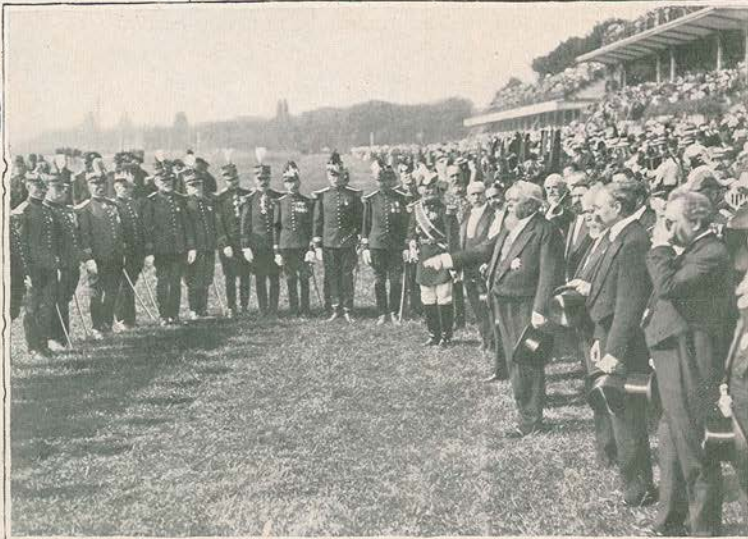
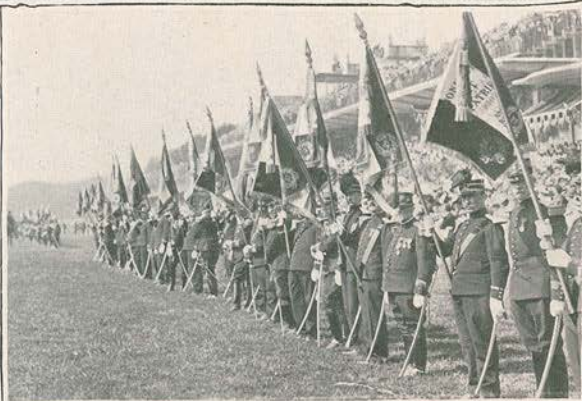
Ha dias Heitor Fleischmann n'um artigo de *Le Journal* demonstrava que o 14 de julho não era propriamente uma data republicana porque na Bastilha penetrara-se aos gritos de *Viva o Rei*.



1—Um baile nas ruas de Paris
2—Os zuavos desfilando na revista de Longchamp



A França ad-
ptou-a todavia
como festa nacional
marcando a queda do
despotismo e por toda
a parte onde haum fran-
cez n'esse dia se arvo-
ra a bandeira nacio-
nal, se junta a colonia
em festas ao som da
Marselheza que n'esse
dia em todos os cantos
de Paris soa enquanto
o povo folga
nos bairros
que se engala-
naram.



1—O desfile dos regimentos de artilharia 2—Os estandartes entregues aos 38 novos regimentos da Republica 3—O presidente Fallières discursando por occasião da cerimonia da entrega das bandeiras aos novos 38 regimentos

OS DEPUTADOS DAS CONSTITUINTES



Adriano Gomes Pimenta,
deputado
por Amarante
(Phot. Medina)



Julio do Patrocínio Martins,
deputado por Evora
(Phot. Vasques)



Philemon Duarte d'Almeida,
deputado
por Santo Thyrsó
(Phot. Vasques)



João Nunes da Palma,
deputado por Braga
(Phot. J. M. Santos)



Francisco Cruz, deputado
por Torres Novas
(Phot. Gonçalves)



José Tristão Paes
de Figueiredo, deputado
por Lamego
(Phot. Guedes)



Carlos Maria Pereira,
deputado por Thomar
(Phot. Silva Magalhães)



Antonio Pires de Carvalho,
deputado por Coimbra



Henrique Santos Cardoso,
deputado
por Villa Nova de Gaya
(Phot. Medina)



Manuel José d'Oliveira,
deputado
por Ponte do Lima



Luiz Rozette, deputado
por Coimbra



Francisco José Pereira,
deputado
por Santarém



Arthur Rovisco Garcia,
deputado por Evora



Antonio Valente d'Almeida,
deputado por Estarreja



Fernando da Cunha Macedo,
deputado por Moncorvo
(Phot. Fernandes)



Alfredo Botelho de Souza,
deputado
por Ponta Delgada
(Phot. Goulart)



José Maria Pereira,
deputado por Elvas
(Phot. Coelho Mourão)



Manuel Bravo, deputado
pela Lovilhá
(Phot. Vasques)

COMO EU VISITEI AS SERRAS DO SUAJÓ E DA PENEDA

Os motivos que me levaram a visitar as regiões do norte de Portugal, comprehendem-se facilmente.

Não era simples curiosidade de turista nem tão pouco um espirito de aventura, que me conduziu, n'estes dias caniculares do sol inclemente, áquellas serras abandonadas e desconhecidas, mas sim o dever jornalístico.

Antes de entrar no assumpto, cumpre-me o dever de agradecer publicamente a todas as auctoridades civis e militares a deferencia e amabilidade de que dispensaram ao visitante, nem sempre com modo e agradável.



1—O cruzeiro de Alcobaga, no Suajo, a 900 metros da Fronteira



2—A «praça» em Castro Laboreiro
3—Uma serra de Castro Laboreiro

Constater, igualmente, com grande surpresa e satisfação, a hospitalidade carinhosa que quasi sempre me foi dispensada.

A região que percorri, fica atastada dos meios de condução geralmente empregados. Não ha estradas, e os proprios caminhos, são, na verdade, simples caminhos de cabras, onde unicamente estas e a mula, ponney da montanha, transitam com relativa segurança.

A primeira parte da excursão, levou-me de Melgão a Alcobaga e Castro Laboreiro.

Em todo o caminho, até ás alturas de Alcobaga, perto do Cruzeiro que representa a gravura vêem-se as montanhas pedregosas da Galliza, pobremente arborizadas, manchadas aqui e além de pequenos nucleos de pastagens e matto.

O nome Alcobaga, faz-nos recordar as luctas sangrentas tra-

vadas entre os fundadores da monarchia e os mouros.

Pelos vestigios que se encontram espalhados pela região vê-se que os combates não pararam n'estas serras quasi inacessiveis. Perto de

Alcobaga, existe um lugar que o povo chama





glorioso conquistou á força de armas toda a orbe, até que a onda implacável do destino o afogou no mar do esquecimento.

Mas, a tradição do nome romano Castrum Laborarum, quer dizer acampamento de trabalhadores, ficou como característico da povoação. São os seus habitantes trabalhadores incansáveis, existindo n'esta aldeia serrana, até o germen de uma indus-

1—O comício em Castro Laboreiro, em que falou ao povo o jornalista Hercrano Neves

Lamas de Moiros; a etymologia da palavra indica-nos facilmente como lagrimas de moiros, dando-nos uma prova lendária de sangue derramado—*ad majorem de: Gloriam*

Chegado a Castro Laboreiro, divaga o pensamento por tempos mais remotos, tempos em que um povo



2—Casas em Castro Laboreiro
3—O leão das montanhas: Comendador, Mathias de Sousa Lobato, professor official de instrução primaria



tria que me causou pasmo e admiração.

Encontram-se no Crato, como os habitantes chamam á sua aldeia, duas fabricas de chocolate! E, em verdade, direi que já encontrei nas minhas viagens, qualidades muito peores n'este artigo de alimentação.

A fabricação é, principalmente, para exportação, ramo de negocio muito difficil e até perigoso, attendendo á falta de meios de transporte e á difficuldade de transitio pela raia secca.

Devido á amavel recommendação do administrador do concelho de Melgaço, fui recebido com fidalga hospitalidade pelo sr. comendador e cavalleiro fidalgo, Mathias de Sousa Lobato, professor official de instrução primaria.

Este cavalleiro, que sacrificou 28 annos da sua vida ao bem estar d'este povo, merece bem, pelo seu aspecto venerando, o cognome de rei das montanhas, que lhe foi conferido pelo fallecido Hintze Ribeiro.

Os serviços relevantes

prestados ultimamente ao novo regimen, levaram o sr. dr. Alfredo de Magalhães a transformar a antiga designação autocrática, na mais popular denominação, de Leão das Montanhas. Mas, mesmo assim, sempre rei...

N'uma pyramide de rocha, que se eleva a pouco mais ou menos a 1:200 metros acima do mar, encontramos, por assim dizer, um livro de historia.

Sobre fundamentos inegaveis de origem



1—A porta das ruínas do Castello dos Mouros em Castro Laboreiro

2—A descida do Peito do Lagarto, a caminho da Penéda

3—O regeador da Penéda, com sua filha

romana, elevam-se as ruínas de um castello moiro, de grande area.

Foi conquistado e destruido por D. Affonso Henriques, e reedificado por D. Sancho I, o povoador, como indica a inscrição illegivel de uma lapide, que a muito custo foi decifrada pelo commendador Mathias.

As ruínas conservam ainda as suas duas entradas, destinadas a peões e cavalleiros.

Uma terceira porta de communicação, foi destruida ha pouco pelos *castregos*, persuadidos que encontrariam um thesouro entre os escombros.

A ex-séde de concelho, de ha meio seculo, dis-

tingue-se tambem por dois caracteristicos notaveis: lindas cachopas e formidaveis cães, ambos para recear...

Ancioso por continuar a excursão pela serra, conseguiu-me o meu hospitaleiro amigo, uma desembaraçada Gastrega, que simplesmente justificou a segunda das affirmações contidas no periodo precedente.

Apenas sahido da aldeia, perde-se o caminho entre as penedias da serra.

Mas a Castrega conhece os reconditos da montanha, e, ora subindo, ora descendo, por sitios em que um passo em falso da montada, representava a morte certa para o cavalleiro, fômo-nos approximando da parte peor do caminho, o «Peito do Sagasta».

Ali, o caminho é constituido por pedras quasi polidas, n'um declive tão accentuado, que a cavalgadura mais patina do que anda. E' impossivel ficar sobre o selim. Mal tinha descido, quando o macho escorregou e cahiu, batendo com a espadua nos rochedos, o que veio confirmar a minha providencia.





tura. Não se comprehende como o grandioso santuario de Nossa Senhora, se perdeu por aqui. Se osromeiros são recebidos com a mesma gentileza e atenção que nos dispensaram, duvido que algum estranho á terra, volte a estas paragens.

Se tivesse alguma duvida acerca da gravidade da minha situação, o sr. Avelino afastou-as no dia seguinte, acompanhando-me durante duas leguas, e dizendo-me na despedida agora é que v. ex.^{ta} está salvo

Durante o trajecto, tive occasião de experimentar

O unico lugar onde encontrei uma recepção pouco amavel foi em Penêda. Este povo selvagem e intratavel, vê em todos os desconhecidos um inimigo, e constitue-se na obrigação de d'elle se desembaraçar.

Não sei se elles me tomaram por conspirador ou por carbonario; nem tenho desejo em sabel-o.

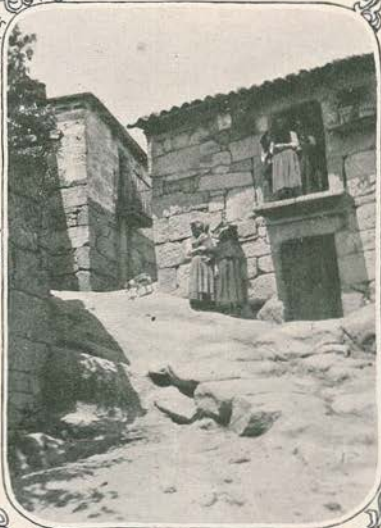
Basta-me o facto de me terem preparado uma cilada, onde o menos que eu poderia perder era a vida.

Devido á chegada, no momento psychologico, de Domingos Avelino Lourenço, regedor da freguezia, consegui escapar d'esta vez.

O certo, é que eu não conto voltar á serra da Penêda, emquanto não tiver obtido a certeza de que se modificaram os sentimentos fraternaes d'aquelle povo.

O sr. Avelino Lourenço e sua ex.^{ma} familia, prepararam uma recepção hospitaleira, que foi verdadeiramente um raio de luz nas trevas da montanha. Penêda, é o lugar mais selvagem que encontrei na minha expedição.

Afastada leguas dos centros civilisados, falta á população todo o sentimento de cul-



1—Pallheiros do Suajo
2—Uma rua no Suajo
3—O interior de uma habitação no Suajo.
A casa do Juiz de Paz

a efficacia de um instrumento desconhecido a incultos povos. N'uma d'estas aldeias, cujo nome não me occorre, tirei da algibeira um copo de viagem de aluminio, fórma de telescopio que causou o espanto de toda a povoação, e que frequentemente tive de fechar e abrir sob este sol abrazador, para satisfazer a curiosidade ingenua d'esta pobre gente, ante de poder beber uma gota de

agua, tão necessaria á minha garganta resequida.

Estou convencido de que, ainda por muito tempo, será o copo do estrangeiro, o thema da conversação dos aldeãos, a maior parte dos quaes desconhece estradas de macadame ou mesmo um caminho de ferro.

O caminho segue sempre entre serras selvagens, talhadas para servirem bem n'uma guerra de guerrilhas; todavia será necessario que os contendores conheçam o terreno para evitar qualquer surpresa. Infeliz d'aquelle que cahisse n'uma cilada n'estes abysmos tenebrosos! De longe, n'um planalto rodeado de altos montes, depara-se á vista uma aldeia maior, é o Suajo, estação intermedia entre Penêda e Arcos de Val-de-Vez. Aqui, o meu salvo-conducto, assignado pelo illustre ministro do interior, valeu-me uma grande manifestação de sympathia; era um bom republicano que chegava, visto que só como tal poderia o dr. Antonio José d'Almeida, conceder a um estrangeiro a protecção incondicional garantida no do-

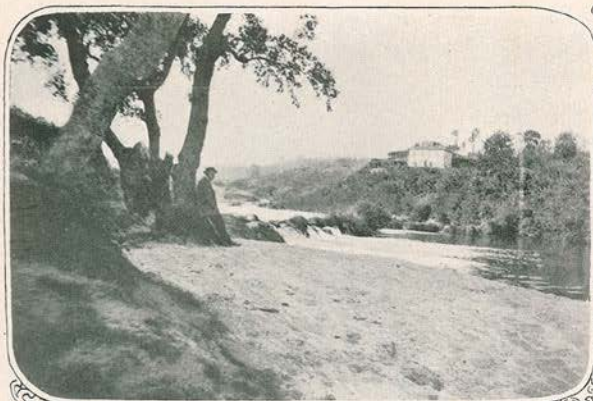


por uma horrenda carranca, que faz lembrar, pela sua factura primitiva e ingenua, qualquer trabalho genitico. Intelizmente, o sol ardente, oppunha-se a immortalisar a tal obra na pellicula photographica, bem como os curiosos palheiros, construidos de pedra, em fórma de cadella, e todos elles encimados por uma cruz. A gravura, mostra um grupo de aldeãos, entre palheiros, construidos de verga e cobertos de pa-

- 1—Typo de casa no Suajo
- 2— A hossa caravana á sahida do Suajo
- 3—Um grupo de castrejas

cumento referido. O povo do Suajo é relativamente culto. A maior parte dos homens conhecem Lisboa, por ser tradicional a sua emigração para esta cidade, onde se empregam, de preferencia, no mister de moços de padaria. O aspecto da povoação é estranhamente pittoresco. Na praça principal, ergue-se um antigo pelourinho, encimado





1—O rio em Arcos de Val de Vez
2—O banho dos cavallos
3—Nos Arcos de Val de Vez

lha. Não lembra, este aspecto, uma scena do continente negro?

A' sah'ida do Suajo, foi a nossa caravana augmentada com o cabo da guarda fiscal, de espingarda ao hombro, cava'gando uma pequena mula; um padeiro de estatura gigantesca, que, n'uma montada igual, quasi arrastava as pernas pelo solo, uma mulher cadongueira de estatura avantajada e com um rosto ainda de uma belleza, que ha vinte annos devia ser extraordinaria. A tia Maria, conduzia ao hombro a espingarda do padeiro, e uma sua sobrinha que a acompanha, não ficava, em formosura, muito áquem de sua tia. Imaginem esta caravana, caminhando pensosamente entre os estreitos valles da serra, e comprehenderão, facilmente, que eu me julguei n'uma viagem de exploração, por mares nunca d'antes navegados. No caminho, encontrámos um patru-

lha de caçadores 5, que me fez lembrar que a minha missão, era talvez assistir a alguma lucta sangrenta, mas, felizmente, nenhum sangue correu se não o meu, na occasião de

me barbear deante de um espelho, que só poderia prestar bom serviço a um cego. O sol começava a desaparecer no horizonte, e nós começámos a acelerar a marcha para podermos chegar antes da noite aos Arcos de Val-de-Vez, deixando o guarda fiscal e o padeiro regressar com os caçadores para o Suajo.

Anoitecia quando entrámos nos Arcos, e a minha aparição, envergando o fato quasi militar, polainas, esporas e pistola, deu occasião a que umas mulheres espalhassem o boato de que o Paiva Couceiro tinha chegado. Todavia, quando uma hora depois me viram passeando com o com-



mandante Simas Machado, as suspeitas desvaneceram-se por completo.

Devido á amabilidade do sr. tenente coronel Simas Machado, tive occasião de acompanhar uma força de tenente que se ia instalar na Portella do Extremo, como posto avançado, para assegurar a estrada de Monção-Arcos-Braga.

A força aquartellou-se no cemiterio da aldeia, romanticamente situado entre dois alcantilados montes, coroados por restos de fortificações das campanhas da guerra da independencia. A pequena igreja foi fundada no anno de 1741, por cavalleiros da Ordem de Malta, conforme indi-





1—O meu almoço com o commandante do posto da Portella do Extremo, tenente Velloso

ca uma cruz d'essa ordem, esculpida sobre fundo azul, na base da qual se encontra a palavra Malta e a era. O cemiterio apresenta um aspecto pouco vulgar; não existem lapides, cruces, jazigos ou mesmo simples indicação sobre as sepulturas.

Uma pequena elevação de terra preta sobre a qual repousa uma pequena tigella de agua benta, é a unica indicação de que ali descansam das fadigas da vida os que labutaram n'este solo ingrato. Não obstante esta visinhança pouco convidativa, para quem deseja repousar-se um pouco da fadiga de uma jornada extenuante e de uma trovoadá formidável que parecia inflamar o ceu, e que encheu o

estreito valle com o ruído monumental dos seus trovões, dormimos sobre o feno, cobertos com as mantas dos cavallos, até que, aos primeiros alvores da madrugada, os relinchos e o escarvar das patas dos cavallos, nos chamaram ao cumprimento do dever do dia.

No regresso aos Arcos aluguei um trem, que, sem mais incidentes, me conduziu a Braga.

Resta-me, talvez, expôr a idéa de que n'esta região



2—Um posto avançado na Portella do Extremo
3—A capella dos cavalleiros de Malta na Portella do Extremo. Ao fundo, na collina, veem-se ainda os restos das fortificações levantadas em 1640 (Clichés de Bruno Buchenbacher)

se podia estabelecer um centro de turismo, para aquelles cujo estado de saude não permite a permanencia nas altitudes. Encontrariam os doentes n'estas condições, uma situação que lhes permitiria o exercicio de pequenas excursões de montanha ainda inexplorada, bastava que se estabelecessem hotéis que proporcionassem as commodidades a que, em geral, estão habituados os que costumam empregar o seu tempo e dinheiro em taes distrações. Creio tambem, que será proveitoso mandar explorar esta região archeologica e geologicamente, porque, estou convencido, que aqui se encontrariam valiosos elementos para a historia dos primitivos habitantes do paiz.



O PRESIDENTE DA ASSEMBLÉA NACIONAL

der parte das suas preciosidades por não haver logar onde as accomodar e só ellas foram avaliadas, n'esse anno de 1766, em uns cento e trinta contos de réis.

O ramo portuguez da familia, o de Cruz Sobral, tambem não desmerece nem em homens, nem em gosto artistico ao da Hollanda, nobilissimo, opulento e devotado ás grandes artes.

Anselmo José da Cruz Sobral não era um d'esses argentarios que o ouro seduz a ponto de o quererem ver por toda a parte, nas espaldas das cadeiras e nos torneados das mezas, nos brazões e nas louças, nas escadarias e nas librés da lacaagem. Homem de fortuna e de apurado gosto, recebia n'essa formosa casa do Calhariz a nobreza do reino e fazia-a ouvir cantar a linda Todi; illuminava a fachada do palacio dando-lhe a architectura d'um templo romano só porque nascera uma princeza e todos os brazões de Portugal se mostravam nas portinholas das liteiras, no bojo das seges, nas almofadas dos carros nas noites em que a lacaagem de brandões em punho via desfilár pela escadaria magnifica as mais lindas mu-



1—O sr. Anselmo Braamcamp Freire, no seu gabinete de trabalho
2—O retrato celebre de Salgado, perdido no naufragio do "Santo André"
3—O gabinete de trabalho e biblioteca do Presidente da Camara Municipal de Lisboa e da Assembléa Nacional

Anselmo Braamcamp Freire, que hoje preside á Assembléa Nacional, é actualmente a figura de destaque na sua privilegiada familia, que desde ha dois seculos não tem uma geração sem o rumor artistico, opulento ou heraldico, bem nitidamente marcado nas paginas da sua genealogia.

O seu aspecto, a linha fidalga do seu porte, a expressão da sua figura indicam toda a tradição da raça que recebeu nos seus salões, em saraus e serenins, as grandes personagens, sendo ella propria acolhida com as regras palatinas do ceremonial nas côrtes onde entraram os seus membros como diplomatas, militares, altos funcionarios e titulares.

Parallelisando com essas naturaes maneiras as suas normas d'arte, os gostos, as predilecções, encontra-se na sua obra o prazer pelas rebuscas do passado e a paixão insofrida de todos os seus pelo culto do bello, o amor pelas grandiosidades da arte, pelos lindos quadros, pelos vastos moveis, pelas joias bem lavradas d'outros seculos que tornavam em museu o palacio dos seus avós no Calhariz, e onde um d'elles, da mais prodiga maneira, deu bailes e realisou festas como outras não havia n'esta Lisboa ainda toda atulhada pelos escombros do terramoto.

O primeiro Braamcamp que surgiu em Portugal, ministro do rei da Prussia junto de D. José I, isto apezar da sua qualidade de hollandez, era em o directo descendente d'aquelle Gerret Braamcamp de que os livros falam e cujas collecções magnificas, de

quadros, desenhos e estatuas foram durante annos cubica e desespero dos amadores. Gerret era riquissimo e ao mudar d'um palacio enorme para moradia mais artistica, a Casa das Serpentes, viu-se obrigado a ven-





lheres e os homens
mais esbeltos d'esse tem-
po.

A familia vae sempre
a desenvolver-se com estas tendencias
faustuosas e artisticas e em todas as ge-
rações, em todos os seus ramos sempre
encontramos algum digno de nota pela
intelligencia ou pela bravura, pela opu-
lencia ou pela bondade, não cahindo
no anonymato resahindo natural-
mente como d'uma raiz forte de
frondosa arvore saem rebentos
que vão ser outras arvores tambem
de largos ramos e de viçosas fo-
lhas.

Umaz vezes escancaram-
se os portões brazonados
dos seus solares e é um ca-
samento que se cele-
bra, mais uma alliança
que vae ligar os Braam-
camp vindos da Hol-
landa pacifica e aco-
lhedora aos descendentes
dos agitados
guerreiros e dos turbu-
lentos batalhadores de
Portugal: outras são
elles proprios que voltam
das luctas, da guerra peninsular, das

batalhas do con-
stitucionalismo onde fize-
ram fulgir as suas espadas.
Passam depois do campo pa-
ra a diplomacia e são ainda superiores,
para a politica e avultam n'uma época
como Anselmo Braamcamp, presidente
do conselho e membro do Conselho de
Estado no tempo do rei Luiz.

As allianças succedem-se e já não são
só as nobres casas portuguezas que se
aparentam com elles, no estrangeiro a
heraldica não se offende com a sua li-
gação.

Hermano José Braamcamp casou na
casa Norbonne Lara que vem
do seculo VIII com apotheo-
ses de esplendores, de mortes
heroicas nas batalhas, d'entre-
choques d'armaduras até
ao sorriso espirituoso do
conde de Norbonne, an-
tigo bello do Trianon tor-
nado aulico na improvisa-
da cõrte de Napoleão I.

Evocados n'uma rese-
nha de acaso são estes
alguns dos ancestraes e
collateraes da familia
Braamcamp a que per-
tence o presidente da
Assembléa Nacional



Durante annos este homem, que já com cabellos brancos conquistou de subito com um grande logar a admiração do povo, não pensou em politica. Em vez das eleições, das intrigas, dos partidos, dos conluios, os seus quadros, os seus livros, os seus trabalhos de investigação; em logar d'um artigo poli-

d'elle. O conde de Sabugosa, erudito tambem, admirava-o: o povo não o conhecia. Um dia, porém, o nome illustrado por tantos outros membros da familia ouviu-se com surpresa ao lêr-se nos jornaes que elle adherira ao partido republicano. Mas quem é?! interrogava o povo, pouco habituado a lei-



Hermano José Braamcamp, ministro do rei da Prussia, Frederico I. Junto do rei D. José

tico a redacção erudita do Archivo Historico. Era par do reino e voluntariamente d'isso se esquecia tratando d'um documento revelador que apparecesse. A politica não o tentava. A sociedade elegante, a nobreza, conhecia esse homem seu parente de grande linha que á sua maneira futil parecia grave; a multidão nunca ouvira falar

turas onde a erudição se manifesta e nas quaes podia achar o nome do erudito.

E' par do reino!

Essa qualidade de que elle se despia, esses arminhos que attirava para longe como um atavio inutil, essa honraria de que se despojava tornavam-no sympathico a essa multidão que em todas as renuncias

achava um bello gesto desde que para ella se corresse de braços abertos, repellindo os cargos e as pompas da monarchia.

As multidões teem d'estes enthusiasmos; instinctivamente vão para os fannatismos.

Quando aquella figura nobre appareceu pela primeira vez nas taboas de um comicio



tambem em nome do bom senso. Apparecia como um magnifico elemento de ponderação a collocar-se no meio de desvairamentos. A Camara Municipal de Lisboa elegeu-o seu presidente e d'este modo a cidade que os seus antepassados tinham embelezado com palacios tornava-o n'um dos seus mais queridos magistrados. A sua passagem



1— D. Maria Ignacia Braamcamp esposa e prima de Anselmo José Braamcamp

2— A casa de jantar da rua do Salitre
3— Braamcamp no seu jardim

as cabeças descobriam-se n'esse instincto. Era um robusto velho, de aspecto grave que falava. Depois das bolorencias jacobinas com que se arrancam os applausos, a sua voz erguia-se e falava em nome da liberdade, mas



todos o saudavam nas ruas como n'essa tarde do comicio. Era uma sympathia marcada que havia por esse ponderado cidadão cuja missão é das mais dignas.

Então dentro da acção pratica, trabalhando para os melhoramen-

tos da cidade, estando em todas as sessões com um grande criterio de justiça, mostrou bem como houvera razão para lhe darem esse cargo que tantos homens illustres já teem desempenhado. A toda a obra de reconstituição da camara de Lisboa, os seus projectos e ás suas economias, elle assistiu com a sua auctoridade e com o seu conselho no meio dos respeitoes que lhe votavam os municipes e os seus collegas na vereação, o que foi demonstrado ao escolherem-no para a presidencia.

◆◆
1—Um dos quadros holandezes da familia Braamcamp «O Eremita» por Gerard Dov



2—O vestibulo de entrada da rua do Salitre

Finalmente a revolução veio leval-o para o papel mais difficil de desempenhar n'um periodo agitado; elegeram-n'o presidente da Assembléa Nacional, logar que só elle poderia desempenhar porque não seguindo uma politica determinada, tendo ingressado por patriotismo no partido republicano, só em nome d'esse grande sentimento a sua consciencia justiceira se pode manifestar.

E' a ponderação no meio das desorientações; é a fi-

♦♦

1—O sr. Ans Imo Braamcamp
Fretre com a sua ailhada
Maria Luiza Dias
(Cliché da Phot. Vasques)



2—Sala de entrada



1—Sala vermelha: A' esquerda
o famoso quadro
dos anões que pertencou ao paço
de Bemfica da Infanta
Izabel Maria

figura que mesmo aos mais re-
vo'ucionarios — aos que olham
para mais altos problemas so-
ciologicos—se impõe no seu fei-
to e é o homem capaz de aconse-
lhar os ultra-conservadores da
republica, os que quasi renegam
a formula democratica, porque
esse descendente dos fidalgos e
cavalleiros da Hollanda, o pa-
rente dos condes de Sobral, de
Lumiars, de Villa Real, dos
Mello e Sousa Botelho, ao entrar
na phalange da democracia
penetrou ali bem como um vul-
to da sua envergadura, sereno
e calmo, com um fito digno
e como um homem do mun-
do entra em toda a parte:
correcta e gentilmente ge-
rando os respetos de ami-
gos e adversarios.

Rocha Martins.



2—Anselmo José Bramcamp d'Almeida Castello Branco
avô de Anselmo Bramcamp Freire
e que foi ministro dos extrangeiros em 1822
(retrato a lapis feito em Londres, em 1810)



FIGURAS E FACTOS



1—O sr. Carlos Gonçalves, o distinto mestre d'armas, que em breve parte para o Brazil e Argentina para uma serie de conferencias e torneios de esgrima (Clichê da phot. Fernandes)

2—O sr. Bruno Buchenbacher, correspondente da «Gazeta de Colonia» e da «Gazeta de Francfort» autor do artigo que a «Illustração» n'este numero publica (Clichê de Benotiel)

3—Os quatro juizes drs. Barbosa Vianna, Basilio da Veiga Mattos Abreu e Pimenta de Castro, transferidos da Relação de Lisboa para a de Goa e agora reconduzidos



A DECADENCIA DA PINTURA FRANCESA

Salão de Paris

As artes declinam! As artes decahem! Tal é o grito que, todos os annos, desde o fim do seculo passado, os criticos francezes soltam ao sair do *Salon*. Este anno o grito foi c'amor. A decadencia das artes patenteia-se progressiva. Nada a sustem no vertiginoso declive em que resvala. Certamente não é a abundancia que falta. As telas, inumeraveis, continuam a revestir as paredes em alguns milhares de



1—A lição de cravo, por Muenier
2—«Turbilhão», por Tessier

metros de superficie. As esculturas continuam a povoar com a sua classica—cada vez mais classica!—nudez as galerias e os vestibulos. Mas na quasi totalidade da produção artistica se sente, irreparavel, e a despeito da vulgarisação crescente de uma technica magistral, a banalidade da inspiração. Tem-se a sensação irremovível de já se ter visto tudo o que sabe, classificado de inedito, dos *ateliers*. As maneiras e os estylos, á força de reproduzidos, monotonizam-se. Sente-se que ás artes contemporaneas faltam cada vez mais o incentivo de uma fé que se apagou, o entusiasmo e a convicção. Entra-se a investigar as causas d'essa crise das artes, e ao mesmo tempo que algumas vozes denunciam a concorrência desalentadora do antigo, outras esclarecem que o homem moderno, substituindo a beleza pelo conforto, reduziu notavelmente o consumo da obra de arte, provocando a descida do preço na produção artistica e deixando quasi exclusivamente ao retrato a sua valorisação. No proprio mercado do retrato, porém, os



da moda o ouro das americanas e dos cabotinos.

O que todavia convinha averiguar era se a decadencia resultava d'essa anarchia do gosto entre o publico ou se, pelo contrario, foi o declinio das artes que influio n'este desinteresse crescente, que enche os *ateliers* de obras invendaveis e faz descer em progressão alarmante o preço do quadro e da esculptura.

Fôra de duvida é que as artes exercem so-



caprichos da moda lançavam o desanimo e o descredito da esperanca, deixando uma multidão de valiosos artistas na obscuridade precaria de verdadeiros parias e conduzindo aos *ateliers* dos pintores



- 1—No paiz das gitanas» por Sala
- 2 — «Batatas» por Bellanger
- 3—O sermão da Montanha, por Paul Buffet

bre o publico um poder emocional e que quanto maior é o seu potencial emoti-





tes do «Salão do Outomno . Ou a banalidade ou a vesania. Raro os olhos se enamoram de uma obra original e poderosa. A phantasia do artista debilita-se. Os discipulos refazem os mestres. Falta a coragem para as tentativas audaciosas. A arte caiu nas mãos dos scepticos.

Mais não é preciso do que a reproducção de alguns dos melhores quadros expostos no recente Salon de Paris para tes-



1.—O fascinador; por Jaquet 2.—«A noite de sexta-feira Santa» por La Lyre 3.—«Noite de Espanha», por Ribera

vo tanto mais imperioso é o dominio das artes sobre as imaginações; e quem poderá na hora presente deixar de constatar que outros mais emocionantes espectaculos do que as artes extasiam ou escravizam o pensamento e o coração humanos?

Entra-se n'uma exposição de pintura contemporanea, em Paris como em Lisboa. Tem-se a impressão de já ter visto, sob aspectos ligeiramente diferentes, todas aquellas paizagens, todos aquellos interiores, toda aquella nudez côr de rosa, todas aquellas marinhas glaucas. Nos proprios retratos os gestos e as attitudes repetem-se. E' portoda a parte a monotonia, que os innovadores pensaram illudir com as extravagancias delirantes



temunhar a veracidade d'estas considerações melancolicas. Ao folhear estas paginas o leitor terá a impressão de já haver visto em exposições analogas estas mesmas composições sem originalidade. E ao passo que o assumpto se restringe a replicas monoto-



1—O espelho, por Gelhay

arte decae na mesma hora solemne em que o homem principia a voar...



2—«Idyllo», por Leempoels

3—«Estudo do nu», por Penot

nas, o nú impera, avassalador, como a contra-prova da indolencia imaginativa da pintura moderna. Não ha meio de illudir a verdade. A arte está em crise. A



Fluminenses

As mulheres brasileiras são um conjunto de mimo e graça, teem toda a linha elegante e civilisada das europeias, com aquelle encanto especial das filhas das regiões tropicaes.

N Rio de Janeiro a sociedade é escolhida; as reuniões são selectas e por todas ellas desde as conferencias nos salões aos espectaculos nos theatros, desde as regatas de Botafo-



1—D. Antonietta d'Almeida Godinho

da educação esmeradissima da encantadora mulher brasileira que surprehende e attrahe para a sua belleza as nossas homenagens e os nossos respetos.



2—Madame Sousa Costa

3—Madame Francisco Guimarães

go ás sessões eruditas da Academia de Letras e por toda a parte a linda fluminense apparece a dar com a sua presença um brilho inexcédível a essas diversões.

As festas da sociedade elegante são do maior bom gosto, chegam a ser d'um verdadeiro requinte, mercê



O Presidente do Estado do Rio Grande do Sul

Dr. Carlos Barbosa Gonçalves —

O presidente do Estado do Rio Grande do Sul é um dos mais notáveis homens do Brazil. Dotado d'uma actividade enorme tem transformado a terra onde Saldanha se bateu contra Artigas n'uma região cheia de modernismos e cuja importância é enorme.

O seu acertado governo, as suas notáveis aptidões, todo o conjunto de faculdades que reúne tornam-no um estadista de renome que o povo riograndense aprecia, venera e respeita.

A sua casa de Porto Alegre, a capital do Rio Grande, é um lugar acolhedor para todas as miserias que elle sabe cuidar com sua esposa e filhas na mais inexcédível dedicação pelos humildes.

Sendo um medico distinctissimo dá com os soccorros materiaes os da sua sciencia e d'este modo e pelo muito que tem feito pelo Estado, conseguiu legitimamente impôr-se á admiração dos seus compatriotas.



1—O sr. dr. Carlos Barbosa Gonçalves, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul
2—O Presidente do Estado do Rio Grande do Sul com sua familia



FIGURAS E FACTOS



Luiz Affonso Espada.—Depois d'uma viagem verdadeiramente cheia d'exitó regressou do Brazil, Argentina e Uruguay, o sr. Luiz Affonso Espada, representante do *Seculo* e da *Illustração Portuguesa* n'esses paizes, onde realisou uma grande obra de propaganda das nossas publicações e onde foi acolhido com toda a affabilidade devida ás suas bellas qualidades.

Não se limitou o seu trabalho apenas a uma acção commercial, teve o cuidado de por todas as formas enviar tanto para o jornal como para a *Illustração* as mais curiosas descrições e os mais bellos documentos graphicos das regiões percorridas, intelligentemente feitas e com um grande criterio escolhidas.



1—O representante na America da «Illustração Portuguesa», sr. Luiz Affonso Espada, que depois de uma longa viagem de um anno pelo Brazil e republicas do Prata acaba de chegar a Lisboa



2—Os atiradores civis de Coimbra: O grupo «Alma Portuguesa» em 1911. (ao centro vém-se os srs. capitão Esquivel David e tenente Luiz de Carvalho, director e sub-director da Carreira de Tiro, e á esquerda o sargento Simões, ajudante 3—Os directores do grupo «Alma Portuguesa»: Da esquerda para a direita Eduardo Simões de Faria Couto, Joaquim Lopes Gandarez, José Pinto Alves Guimarães (presidente), Manuel Pereira Marques e Custodio José da Costa (Clichés de M. P. Marques)

Os atiradores civis de Coimbra—De dia para dia desenvolvem-se mais por todo o paiz os grupos de atiradores civis que á semelhança do que existe em Lisboa vão obtendo grandes exitos. Em Coimbra constituiu-se um d'esses grupos intitulado *Alma Portuguesa*, cujos progressos são realmente notaveis como já tem demonstrado sobejamente.





FIGURAS E FACTOS



1—O deputado Jaurés em Lisboa
Photographia tirada
á saída da sessão da Camara
e em que se vê o chefe
do partido socialista francez
conversando com o ministro dos negocios
extrangeiros e com o sr. João Chagas,
ministro de Portugal em Paris

2—Os accusados

3—O julgamento de soldados e cabos
da companhia de saude
accusados de insubordinação



COMPANHIA DO Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL:	360.000\$000
Acções.....	323.910\$000
Obrigações.....	
Fundos de reserva e de amortização.....	266.400\$000
Reservas.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianada e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal de Ilormio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeccionados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricacoes especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicacoes periodicas do paiz e e fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telephonico: Lisboa, 635—Porto, 417.

CONSTIPAÇÕES antigas e recentes
TOSSES
BRONCHITES
são radicalmente CURADAS
PELA

SOLUÇÃO PAUTAUBERGE

que dá
PULMÕES ROBUSTOS
e previne contra a
TUBERCULOSE

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.

L. PAUTAUBERGE
COURBEVOIE-PARIS
em todas as Pharmacias.

A Seda Suissa É A MELHOR

Peçam as amostras das nossas novidades em preto branco ou cor:

Duchesse, Voile, Setim Ilexiviel, Taffetas, Crêpe de Chine, Eolienne, Gôtele, Mous-seline, largura 120 cm. a partir de 1 fr. 25 c. o metro, *Veludo e Peluche* para vestidos, blusas etc. assim como *flusses* e *vo 1 dos bordados* em batiste, la, toile e seda. Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **di estamente aos freguezes e francas de alfandega e de porte a domicilio.**

Schweizer & C.
Lucerne E 12 (Suissa)

Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame

BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronologia e physiologia e pelas applicacoes praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamboze, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, Italiano e hespanhol. Da consulta diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 3\$000 rs.

Para encadernar a

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o PRIMEIRO SEMESTRE D'ESTE ANNO da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de optimo effeito. Preço 360 réis.

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remittida em vale do correto ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

Administração do «Seculo», rua do Seculo, 43 — LISBOA

Contra Asthma
Remedio de Abyssinia Exibard
em Pó, Cigarros. — Alivio immediato.
28, Rue Richelieu, Pariz. — Todas Pharmacias.

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição

fazem-se nas officinas da Ilustração Portuguesa, postas á dispozicao do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes com inexcusable perfeição. Zincogravura e Photogravura em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou nickelado. Em cobre. A cores, pelo mais recente processo — o de trichromia. Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos. Stereotypia de toda a especie de composicao. Impressão e composicao de revistas, illustracoes e jornaes diarios da tarde e da noite.

Rua do Seculo, 43 — LISBOA



ZEISS BINOCULOS

PARA

VIAGEM ♦ SPORT ♦ CAÇA

Peçam-se prospectos T 89

A' venda em todos os estabelecimentos de Optica e por:

CARL ZEISS-JENA (Allemanha)
Berlim—Francfort s. M.—Hamburgo
Paris—Vienna—S. Petersburgo
Londres—Milão

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



Estudos d'Arte

— PHOTOGRAPHIAS TIRADAS DO NATURAL —

Magnifica collecção para artistas e amadores d'arte

CATALOGO ILLUSTRADO MANDADO
— GRATIS A QUEM O PEDIR —

M. Kлары, 103, Av. de Villiers — Paris



RIO DE JANEIRO

Hotel Avenida

O maior e mais importante do Brazil, occupando todo o quarteirão. Elevadores e telephones electricos em todos os andares.

220 quartos. Magnificas accomodações, salões para visitas, leitura e banquetes. Diaria de 95000 réis para cima. Telephone 2873. Ender. teigr. Avenida.

SOUZA, CABRAL & C.^A

Avenida Central, 152 a 164

Ponto de todos os bonds

Annexo: METROPOLE HOTEL, no mais bello e saudavel arrabalde da capital com magnificas accomodações para familias e cavalheiros. Rua das Laranjeiras, 519.

Leite Nutricia

Homogenisado, pastorisado e esterilizado

Leite pastorisado homogenisado

producto delicioso, incomparavel ao leite ordinario. Apresentado em frascos contendo um copo, dose vulgar para uma pessoa ao preço de propaganda de 40 réis na BRAZILEIRA do Rocio e Chiado e na séde, onde se fornece gelado no frigorifero.

fico. Este producto tem obtido um successo enorme.

O leite pastorisado

em frascos de 1, 1/2 e 1/4 de litro app. entregue no domicilio, duas vezes ao dia, na seguinte area: Campo Grande, Avenidas Novas, Estephania, Avenida e Baixa. Os frascos são fechados com tampa inviolavel.

À SAHIDA DO THEATRO

Toda a gente deve tomar um frasco de LEITE NUTRICIA na Brazileira

NUTRICIA DE LISBOA

229, RUA AUGUSTA, 231 — LISBOA

Telephone 2940